www.misesjournal.org.br
MISES: Interdisciplinary Journal of Philosophy Law and Economics
São Paulo, 2026; 14
e-ISSN 2594-9187

RESENHA DE LIVRO

Leonardo Losada Filho[1] 0009-0000-3522-1493

Instituto Mises Brasil, São Paulo, Brasil

Coordenação sem comando: cálculo econômico e os limites do planejamento

[1] Leonardo Losada Filho é administrador, MBA em Gestão Estratégica e pós-graduando em Escola Austríaca de Economia pela Mises Academy. Atua com tecnologia, estratégia e soluções. leolosada@gmail.com

Recebido: 14 ago 2026 | Aprovado: 11 nov 2026 | Publicado: 16 nov 2026

https://doi.org/10.30800/mises.2026.v14.1683

Resumo: Esta resenha examina a crítica de Ludwig von Mises ao socialismo e ao intervencionismo a partir dos fundamentos da Escola Austríaca. Destaca o papel da ação humana, da propriedade privada, dos preços e do cálculo econômico na coordenação social, além de relacionar o argumento misesiano ao problema do conhecimento disperso em Hayek e à função empresarial em Kirzner. Também considera o debate com Oskar Lange e os limites do planejamento central.

Palavras-chave: Cálculo econômico, Planejamento central, Escola Austríaca.

Coordination without Command: Economic Calculation and the Limits of Planning

Abstract: This review examines Ludwig von Mises's critique of socialism and interventionism in light of the foundations of the Austrian School. It highlights the role of human action, private property, prices, and economic calculation in social coordination, and relates the Misesian argument to Hayek's problem of dispersed knowledge and to Kirzner's entrepreneurial function. It also considers the debate with Oskar Lange and the limits of central planning.

Keywords: Economic calculation, Central planning, Austrian School.

Coordinación sin mando: cálculo económico y los límites de la planificación

Resumen: Esta reseña examina la crítica de Ludwig von Mises al socialismo y al intervencionismo a partir de los fundamentos de la Escuela Austriaca. Destaca el papel de la acción humana, de la propiedad privada, de los precios y del cálculo económico en la coordinación social, además de relacionar el argumento misesiano con el problema del conocimiento disperso en Hayek y con la función empresarial en Kirzner. También considera el debate con Oskar Lange y los límites de la planificación central.

Palabras clave: Cálculo económico, Planificación central, Escuela Austriaca.

Resenha do livro: Mises, L. von. (2018). *As seis lições* (M. L. X. de A. Borges, Trad.; 9a ed. rev.). LVM.

INTRODUÇÃO

Na obra *As Seis Lições*, Ludwig von Mises (1979/2018) apresenta uma síntese acessível dos fundamentos econômicos e políticos da tradição austríaca. Resultado de conferências proferidas na Argentina em 1959, o livro não deve ser lido apenas como uma defesa do capitalismo contra o socialismo e o intervencionismo, mas como uma investigação sobre as condições que tornam possível a coordenação social em uma economia complexa. Seu problema central consiste em compreender como milhões de indivíduos, cada um com conhecimentos, fins e preferências distintas, conseguem cooperar sem uma direção central.

A resposta de Mises passa pela defesa da economia de mercado como uma ordem fundada na ação humana, na propriedade privada, no sistema de preços e na soberania do consumidor. O capitalismo é apresentado como o arranjo institucional que permite a produção em massa para as massas, subordinando empresários e produtores às escolhas dos consumidores. O socialismo, por sua vez, é criticado por sua impossibilidade lógica: ao abolir a propriedade privada dos meios de produção, elimina também os preços de mercado para os bens de capital, tornando inviável o cálculo econômico racional. O intervencionismo aparece como uma tentativa instável de preservar alguns mecanismos de mercado enquanto interfere em seus sinais fundamentais, gerando distorções que tendem a exigir novas intervenções.

ANÁLISE CRÍTICA E RELAÇÃO COM A ESCOLA AUSTRÍACA

A principal força da obra está em sua articulação com os fundamentos metodológicos da Escola Austríaca. Mises não parte de agregados abstratos, mas do indivíduo que age, escolhe e busca fins subjetivamente valorizados. Sua análise pressupõe a praxeologia, isto é, a compreensão da economia como ciência da ação humana intencional. Nesse sentido, os fenômenos econômicos não são tratados como movimentos mecânicos de variáveis, mas como resultados de escolhas realizadas por indivíduos diante da escassez, da incerteza e de diferentes possibilidades de ação. Essa perspectiva revela a importância do individualismo metodológico. Para Mises, não é "a sociedade", "o Estado" ou "a economia" que age, mas indivíduos concretos. A ordem social emerge da interação entre essas ações individuais, coordenadas por instituições como propriedade privada, contratos, moeda e preços. A economia de mercado, portanto, não é apenas um sistema de produção, mas um processo de coordenação descentralizada, no qual a soberania do consumidor expressa a capacidade do mercado de orientar a produção segundo preferências reais.

O núcleo mais robusto da obra está na crítica ao socialismo por meio do problema do cálculo econômico. A objeção de Mises não se limita à má gestão dos planejadores ou à corrupção política dos regimes socialistas. Seu argumento é mais profundo: sem propriedade privada dos meios de produção, não existem preços de mercado para bens de capital; sem esses preços, não há cálculo racional de custos e alternativas produtivas; sem cálculo econômico, a coordenação da produção torna-se arbitrária. Assim, o socialismo falha não apenas como experiência histórica, mas como possibilidade teórica de organização racional da economia. Esse ponto aproxima Mises da discussão posteriormente aprofundada por Friedrich Hayek sobre o conhecimento disperso. O problema econômico fundamental não é simplesmente alocar recursos dados, mas descobrir e utilizar conhecimentos fragmentados, tácitos e mutáveis, distribuídos entre milhões de indivíduos. Os preços funcionam como sinais que condensam informações impossíveis de serem plenamente centralizadas. Por isso, a crítica misesiana ao planejamento central é também uma crítica epistemológica: nenhum planejador possui acesso ao conjunto de informações necessário para substituir o processo de mercado.

Um contraponto relevante aparece no debate com Oskar Lange e outros defensores do socialismo de mercado, que procuraram responder a Mises afirmando que uma autoridade central poderia simular preços por tentativa e erro. Essa resposta, embora sofisticada, não elimina o problema austríaco fundamental, pois a simulação de preços não substitui o processo real de formação de preços em um mercado baseado em propriedade privada, lucro, prejuízo e responsabilidade empresarial. Ainda assim, a abordagem misesiana pode ser matizada em seu diálogo com métodos empíricos e históricos, especialmente quando comparada a autores como Hayek e Kirzner, que mantêm o núcleo austríaco, mas desenvolvem dimensões mais evolutivas e dinâmicas do processo de mercado.

Conclui-se que *As Seis Lições* não é apenas uma defesa do capitalismo, mas uma exposição dos limites do poder político diante da complexidade da ação humana. Dentro da tradição austríaca, Menger fornece as bases da teoria subjetiva do valor, Mises funda a análise no agir humano e no cálculo econômico, Hayek aprofunda a dimensão epistemológica da ordem espontânea e Kirzner destaca o papel do empreendedor como agente de descoberta. A obra é recomendada a estudantes de Economia, filosofia política e ciência política, especialmente por mostrar que uma sociedade não entra em crise apenas quando perde capital, moeda ou produtividade, mas quando perde a capacidade de compreender a realidade que tenta governar.

REFERÊNCIAS

Mises, L. von. (2018). *As seis lições* (M. L. X. de A. Borges, Trad.; 9a ed. rev.). LVM. (Obra original publicada em 1979)